

INICIATIVAS

JB cria fundo para empresas nascentes

Gestora fica de olho em projetos em fase inicial de desenvolvimento no mercado



Faria: atenção ao seed capital, onde tudo começa

O trajeto percorrido por uma pequena empresa, desde a concepção de um projeto dentro de centros de pesquisa e incubadoras até sua consolidação no mercado, é longo e, muitas vezes, árduo. Falta de visão empreendedora de seus idealizadores e carência de capital para expandir são algumas das barreiras que essas empresas têm de enfrentar durante o percurso.

No desenvolvimento de novos produtos e empresas, é comum que fundos de investimento desempenhem um papel fundamental: auxiliar jovens empreendedores no caminho rumo à consolidação. Esse é o caso da Jardim Botânico Investimentos, que tem como foco ser um desses “ajudantes”.

Eduardo Faria, sócio da gestora, conta que desde 2004, quando a JB foi criada, os executivos da asset vêm observando um número crescente de projetos elaborados por pesquisadores no Brasil, mas que ainda estão distantes do mercado. “Nós percebemos que empresas

sem apoio na gestão e sem capital muitas vezes passam alguns anos sem gerar receitas. Apenas uma pequena parcela delas obtém sucesso comercial de fato”, afirma.

O intuito de investir em empreendimentos a partir do zero fez com que a Jardim Botânico Investimentos criasse o fundo Novarum. Com a captação de R\$ 20 milhões concluída, o fundo de capital semente já tem todo seu volume de recursos comprometido nas cinco empresas que compõem seu portfólio, que vão do desenvolvimento de pesquisas clínicas para drogas contra o câncer até o segmento de nanotecnologia.

O outro fundo que faz parte da carteira da Jardim Botânico investe em empresas um pouco mais maduras, com receita anual máxima entre R\$ 20 milhões e R\$ 150 milhões. O JBVC I tem patrimônio de R\$ 100 milhões, sendo que seus aportes por projeto costumam ser de aproximadamente R\$ 10 milhões.

“Nossa ideia é ter uma carteira diversificada que ofere-

ça aos investidores boas oportunidades”, argumenta Faria. A diversificação é visível quando se observa o portfólio do JBVC I. Os dois primeiros investimentos, feitos no fim do ano passado, foram nas empresas MZ Consult, que atua nas áreas de comunicação corporativa e serviços de relações com investidores, e Superbac, que desenvolve soluções biotecnológicas para os setores do agronegócio, saneamento e energia. Já a Elba, que atua na área de logística interna e gestão de almoxarifado, passou a fazer parte do portfólio do fundo de venture capital da JB no início deste ano.

Investimento

O mais recente aporte da gestora foi na empresa de locação de vagões Ferrolease. A companhia, sediada em Curitiba (PR), tem como clientes pequenas e grandes empresas que fazem uso do meio ferroviário para transportar suas cargas. “Trabalhamos com vagões que transportam grandes volumes de grãos, combustível e minério”, explica Benjamin Huber, conselheiro da Ferrolease. As principais ferrovias para onde são destinados os vagões da empresa são a que liga o Mato Grosso do Sul ao Porto de Santos, a ferrovia Norte-Sul e a Estrada de Ferro Carajás, além de algumas que fazem o percurso Brasil-Bolívia.

Para o segmento de grandes clientes, a empresa costuma oferecer vagões para transportar produtos que não façam parte do core business dos contratantes do serviço. A Vale, por exemplo, usa seus próprios vagões para transportar minério, mas

aluga vagões da Ferrolease para transportar combustível. Esse é justamente um dos papéis da empresa curitibana: mostrar aos grandes clientes que é mais barato alugar vagões do que comprá-los e, aos clientes menores, que a locomoção por vias férreas é uma alternativa viável.

Segundo Huber, com o aporte da Jardim Botânico, de R\$ 15 milhões, será possível promover um aumento no número de vagões da empresa, que hoje é de 190 entre vagões-graneleiros e vagões-tanque. “Essa expansão se dará para atender aos segmentos em que acreditamos haver possibilidade de crescimento no Brasil, como o siderúrgico”, aponta, ao acrescentar que a Ferrolease também deve adquirir contêineres.

A participação da Jardim Botânico representa o primeiro aporte de um fundo na empresa. Em geral, as participações da gestora são minoritárias. “Nossa proposta é sempre de crescimento. Participamos do conselho administrativo das empresas e da gestão estratégica. Enfim, procuramos agregar valor ao negócio, porque esse tipo de investimento requer uma atuação quantitativa e qualitativa por nossa parte”, elucida Faria. Para ele, os fundos de venture capital já estão mais amadurecidos em comparação aos de seed capital. “Em VC, já se tem fundos em diferentes estágios, porque os investidores procuram empresas mais consolidadas na hora de investir”, analisa. “Mas é preciso atenção para o mercado de capital semente. Afinal, é onde tudo começa.”